

Fala de Bento Serras, cobrador de bilhetes, nascido e morador em Amorins:

«Diz que quer contar tudo dos princípios?

Dos princípios a gente nunca sabe.

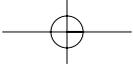
Quando é o caso de se lhe pôr a vista em cima, já o que quer que seja vai no meio...

Pois eu do homem não me lembro, não. Diz que seria fácil de lembrar, mas não para mim que tenho esta cegueira.

Cegueira é modo de falar, entende. Não me fixo. É assim como umas sombras. Dizem para onde querem ir, eu marco, e marco, boto-lhe as notas gradas entre os dedos, os trocados na mala, e vai que vai, volta que volta, e é noite, e é manhã, e nem reparo. Podia levantar-se aí uma cidade por obra do demónio, é um supor, uma cidade dessas que se perdem de vista na direcção de cima, e eu não dava por ela, tão cego ando.

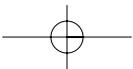
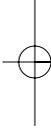
Pois o homem não vi. Se veio na carreira, se foi no meu serviço, não no vi.

Sendo segunda, que podia ser, vai para aí um povo, um corropio. Diga. É a feira, pois. Sacas e trouxas, criançada,



vinhos. Parece isto uma terra dos Brasis. Que, não se exagerando, eu não condeno. Não tenho é alegria. Falta-me muito o ar. Desde pequeno, sim, nem eu estou certo de quando começou. É isto que lhe digo. Ninguém sabe os princípios.

O tal homem? Pois não, minha senhora, fosse ele como fosse, eu não no vi.»



Palavras da senhora Rita Chanca, vendedeira, com banca à porta da garagem:

«O Bento não no viu? Ele não vê nada! É dos sufocos, e o mal trepou-lhe às vistas. Uma pieira às vezes, coitadinho, eu sei lá o que vai naqueles peitos. Uma ninhada, diz a mãe que uma ninhada. De noite ataca mais, espanta-lhe o sono. Faz lá o que lhe cumpre, mas não vê. Logo a menina havia de ir ao Bento!...

Que, se fosse segunda, ninguém arreparava? Ai, sim, isso se fosse uma segunda. Que isto, nestas alturas, é a febre. Esquenta-se-lhes o corpo, uma coceira, nem que tivessem apanhado brotoeja. Qual quê, comida, géneros? É o que menos compram. Rações? Sim, fava, alguma. Mas o que eles querem mesmo é domingar. Fatos e música, aí batem os negócios.

Ah, pois não foi numa segunda, não. Estava aí um sossego, nem pardais. Alembro, sim, senhora, fie-se nestas memórias. Essa caixinha aí, julgava que eu não sei, diz coisas iguaizinhas tal-qual ao que saiu da boquinha da gente. Ora se não conheço: isso há mais que anos que por cá apare-

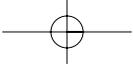
ceu. Daí a pouco diz estas coisas que eu disse, assim, preto no branco. Esperta que nem raposa. Não tenho medo, não. Nem de tirar retratos, não senhora. Porque haveria de ter? Nos retratos sou eu, aí não sou, não é a minha voz. É qualquer maquenismo, ora carregue.

Pois o tal homem? Vi-o chegar, vi, e então não conheci... Brincarmos juntos não brincámos, não senhora, derivado a que eu nunca brinquei. Mas conhecia o Alvarinho. Quer saber? Levei-lhes muita cesta de figo lá a casa. Eu, querer-lhe, não lhe queria mal nem bem. Gostava de lá ir levar os figos porque me davam sempre alguma coisa. A mãe? Não, a mãe, não, a gente nem na via. Quem lá tinha o governo era a avó. Dona Carlina, um pedaço duma mulher. Mas quem me dava os mimos, uma saía, uns pães doces, isso era a Marjoana. Não morreu, está tontinha em casa de afilhados. Aí tem no que dá servir a vida inteira. Dá-se o sal do suor e o sal das lágrimas e depois na velhice o que é que se arrecebe? Um coice. Eu não, menina. Servir nunca servi.

O Alvarinho? Pois então: ele apeou-se e eu vi logo quem era. Não no tinha tornado a encontrar, pois não. Passou o quê? Um carro de anos. Mais. Há-de andar por perto dos cinquenta. Ele apeou-se, assim, meio tolhido, como se se doesse.

Não me viu, e que visse? Sabia quem eu era? Eu é que me lembrava e lembrei logo, não custou nada, não senhor, menina, foi só pensar no Alvarinho antigo e pôr-lhe em cima a vida e os desgostos.

Como sabia eu dos seus desgostos? Olhe, era Verão, torrava-se na sombra. Eu tinha de dar água à cadelita e tinha enchido o balde ali no chafariz. E estava com o balde na



mão quando ele passou. E sabe o que ele trazia? Um sobretudo. Espécie de capote, ou que era aquilo. Vestimenta do pino dos invernos. Com uma malazita e um sobretudo, e o calor aí a rachar pedra.

Quantos desgostos não há-de um homem ter sofrido para o sangue lhe esfriar dessa maneira?

Ou sim, seria já coisa malina que lhe apertasse o coração, não sei.»

